UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
WALLACE CUSTÓDIO FERNANDES

DESAFIOS DO ENSINO DO JIU-JÍTSU BRASILEIRO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

VITÓRIA
2013

WALLACE CUSTÓDIO FERNANDES

DESAFIOS DO ENSINO DO JIU-JÍTSU BRASILEIRO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial no curso de Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Fabio Luiz Loureiro.

VITÓRIA

2013

WALLACE CUSTÓDIO FERNANDES

DESAFIOS DO ENSINO DO JIU-JÍTSU BRASILEIRO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a conclusão do curso de graduação em Educação Física - Licenciatura.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Ms. Fabio Luiz Loureiro
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador:

_____

Prof. Dr. Francisco Mauri de Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo

_____

Profª. Ms. Wallace Rocha Assunção
Universidade Federal do Espírito Santo

_____

WALLACE CUSTÓDIO FERNANDES

DESAFIOS DO ENSINO DO JIU-JÍTSU BRASILEIRO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a conclusão do curso de graduação em Educação Física - Licenciatura.

Orientador(a): Prof. Ms. Fabio Luiz Loureiro

Aprovado em ___/___/_____

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador:
Prof. Ms. Fabio Luiz Loureiro
Universidade Federal do Espírito Santo

_____

Prof. Dr. Francisco Mauri de Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo

_____

Prof. Ms. Wallace Rocha Assunção
Universidade Federal do Espírito Santo

_____

DESAFIOS DO ENSINO DO JIU-JÍTSU BRASILEIRO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Wallace Custódio Fernandes

RESUMO

Trata do jiu-jitsu brasileiro e possibilidades, possíveis desafios e como ele poderia ser desenvolvido no contexto escolar. O questionamento que levantamos é das possibilidades de se organizar o jiu-jitsu brasileiro para o ensino dessa pratica corporal nas aulas de educação física na sua totalidade filosófica, histórica e técnica, ética e na construção de valores, bem como o anseio de observar quais as possíveis contribuições que esse tema pode trazer para as aulas de educação física, o desenvolvimento e formação em diversos aspectos dos alunos permeando fatores biológicos, cognitivo-motores, relações interpessoais, e na relação com a história e filosofia do jiu-jitsu. As intervenções ocorreram em duas escolas, uma pública e outra particular, procurando abrir uma discussão sobre quais os enfrentamentos e dificuldades encontraríamos. Consideramos que os objetivos propostos além de serem alcançados, foram norteadores de discussões e novas implicações para estudos posteriores a esse, porém vemos que é sim possível e diríamos necessário a aproximação do jiu-jitsu brasileiro (lutas em geral) como conteúdo rico na construção de valores e formação do indivíduo, com a educação física escolar.

CHALLENGES OF TEACHING Brazilian Jiu-Jitsu FOR SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

It is about Brazilian Jiu-jitsu and possibilities, possible challenges and how it could be developed within a school environment. The questioning that we raised is whether there are possibilities of organizing Brazilian jiu-jitsu for the teaching of such corporal practise, in Physical Education classes in it's philosophical totality, historically, technically, ethically and in it's values construction, as well as aspiring to observe what possible contributions that this theme can bring to Physical education classes, the development and the formation in various aspects of pupils regarding biological, motor-cognitive, interpersonal relations, and related with the history and philosophy of jiu-jitsu. The interventions took place in two schools, a public and the other private, looking to open a discussion about what obstacles and difficulties we may find. We gathered that the proposed goals were reached, but also abundant in arguments and new implications for future studies to this one. However, we do see it possible and we would say necessary the approximation of Brazilian jiu-jitsu (Martial Arts in general) as a rich content in the construction of values and the formation of an individual, with the use of Physical Education.

Palavras-chave: jiu-jitsu brasileiro**;** educação física escolar; ensino.

INTRODUÇÃO

"A arte suave somos nós!
Está no sangue, no corpo,
na alma e na mente.
jiu-jitsu é a minha vida!"
Neliane Pereira (em memória)

A escola é o espaço de construção da cultura e do conhecimento formal, cheio de contradições e inovações constantes que tem como fim além da construção a transmissão de conhecimentos produzidos historicamente pela sociedade ao longo do tempo. Nesta realidade encontra-se a educação física escolar que a *priori* corresponde ao momento reservado na escola no qual o discente tem contato com o conhecimento e vivencia as possibilidades e limitações do próprio corpo, bem como o conhecer das práticas corporais em geral representadas pelas práticas esportivas, jogos, danças, ginásticas, lutas e outros que fazem ou deveriam fazer parte da cultura escolar. Cabe ao professor de educação física proporcionar e estimular seus alunos a uma vivência sistematizada da cultura dos movimentos e de suas possibilidades atuando como um intermediador e condutor desse conhecimento.

De forma específica o conteúdo lutas enquanto conhecimento específico que trata da educação física, moral e intelectual, destacamos como objeto do presente estudo, o jiu-jitsu. Por ser um conteúdo pouco disseminado no contexto escolar, o ensino e a prática do jiu-jitsu brasileiro se deparam com algumas dificuldades à sua consecução nas aulas de educação física. Entre as várias dificuldades destacamos a ausência de um método[1] de ensino que

---

1Existe uma confusão conceitual entre método e metodologia. Esta, confundida com aquele. À solução da confusão, *método,* do grego *méthodos* (*metá* – atrás, em seguida e *hodós* – caminho), vale assinalar ser o *método* um processo de investigação ou ordenação lógica de uma determinada atividade, por ex., da produção do conhecimento e que não pode ou não deve ser confundido com metodologia que é o ramo ou parte da lógica que estuda os vários métodos de pesquisa. Por fim, convém sublinhar uma característica peculiar, *logia* significa

auxiliaria na intervenção dos professores que não tiveram na sua formação uma aproximação com esse conteúdo, distanciamento de sua técnica e princípios filosóficos, do debate presente sobre as lutas na sociedade atual como MMA, lutas nas Olimpíadas, bem como, a concepção de lutas como campo social do embate político.

Neste sentido indago nesse trabalho quais os desafios para o ensino do jiu-jitsu brasileiro como conteúdo da educação física escolar a partir de sua filosófica, histórica e técnica, ética e na construção de valores e metodologia de ensino dentro do contexto escolar?

Objetivamos com este trabalho identificar e analisar as relações existentes - influências e percalços do ensino do jiu-jitsu como conteúdo da educação física escolar, dando ênfase não só as técnicas dessa arte marcial, mas também o seu processo histórico, desenvolvimento cultural (principalmente no Brasil), formas de ensinar o jiu-jitsu brasileiro na escola e como promover um método de ensino valorizando toda a contribuição biológica, psicológica, social e filosófica que o jiu-jitsu pode trazer ao aluno.

Por suposto será de grande importância (1) a discussão dos valores éticos e filosóficos desde a criação do jiu-jitsu até os dias de hoje; (2) descrever possibilidades do conteúdo, ensino e avaliação do jiu-jitsu na educação física escolar; (3) relatar na perspectiva crítica os enfrentamentos da presença das lutas, no caso o jiu-jitsu brasileiro, no espaço escolar e como este pode contribuir na formação do aluno.

Justificamos este estudo, inicialmente, pela ausência das lutas na educação física escolar, e como praticante de jiu-jítsu, evidenciar alguns aspectos e

---

ciência ou estudo de algum fenômeno, mas a partir de um curioso processo de inversão, as palavras assim terminadas passaram, em muitos casos, a significar o fenômeno estudado, mais do que o conhecimento sistemático do próprio fenômeno. Assim é que, por exemplo, *metodologia* significa o estudo do *método*, mas normalmente é empregada hoje em dia para referir-se ao próprio *método* (EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Edunesp / São Paulo: Boitempo, 1997. p. 65). Por suposto, o *método* coincide com a noção de saber-fazer ou de técnica empregada para alcançar um objetivo pré-estabelecido (CORBISIER, R. *Enciclopédia filosófica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. p. 206).

prismas presentes do jiu-jítsu que o habilitam e a nosso ver, justifica a necessidade de sua presença dentro das aulas de educação física escolar.

Do ponto de vista do objetivo, o estudo se caracteriza como uma descrição de um determinado fenômeno com suas características e variações. Sobre esse aspecto uma análise de como a pratica do jiu-jitsu brasileiro pode possibilitar uma melhora no desenvolvimento motor, cognitivo e social dentro das aulas de educação física.

Sobre o suporte teórico da educação física escolar e seu conteúdo, neste caso, o jiu-jitsu brasileiro, Cunha (1984) e Ferreira (2006) fazem menção aos acréscimos no desenvolvimento da criança notadamente quanto aos seus aspectos motores, afetivos, cognitivos acontecendo no espaço da educação física na escola. Daí a importância da seleção de conteúdos feita por professores inseridos na escola colocando em prática uma progressão pedagógica que, segundo Baptista (2003), possibilita uma absorção do conteúdo em questão de forma com que a criança se apodera melhor do que está praticando.

Quanto à natureza do trabalho, se classifica com pesquisa qualitativa e prática. Lakatos e Marconi (1983) identifica a pesquisa qualitativa quando formulam relações entre as características do fenômeno observado. A pesquisa prática segundo Baffi:

> Trata-se da pesquisa "ligada à práxis, ou seja, à prática histórica em termos de conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; não esconde a ideologia, mas sem perder o rigor metodológico". Alguns métodos qualitativos seguem esta direção, como por exemplo, pesquisa participante, pesquisa-ação, onde via de regra, o pesquisador faz a devolução dos dados à comunidade estudada para as possíveis intervenções [...]. (2005, p. 2)

Os registros das atividades serão feitos através de relatórios, fotos, relatos em vídeos da escola onde pesquisa e intervenção foram realizadas. No segundo momento será realizada uma análise entre os dados coletados e os textos de referência, apresentando em seguida a análise síntese verificando o alcance dos objetivos.

Neste sentido, há que se vincular a possibilidade da perspectiva de se trabalhar a arte ou prática em questão no meio escolar seja como conteúdo das aulas de educação física ou em períodos extracurriculares tendo sempre em vista o aprofundamento histórico sobre sua origem, sua filosofia, o espaço geográfico do qual é oriundo dentre outros aspectos procurando contribuir com a integração das lutas, em foco o jiu-jitsu brasileiro, no contexto escolar.

JIU-JÍTSU BRASILEIRO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: BREVE HISTÓRIA E APROXIMAÇÕES

O Jiu-jitsu, também conhecido como “Arte Suave” (um dos significados da tradução do termo Jiu-jitsu, **jiu** ou **ju** “suavidade, brandura”, e **Jitsu** ou **Jutsu** “arte, técnica”), segundo BORGES (1999), é um estilo de luta oriental milenar. Não há consenso sobre data e local exato da criação do jiu-jitsu, pois inexiste documentos e/ou registros escritos que atestem esse acontecimento, embora existam fortes indícios de que tenha origem na Índia A.C[2]. A hipótese estudada nesse artigo é a que o jiu-jitsu tenha se expandido junto com as expedições missionárias dos monges budistas. Acredita-se que, durante as expedições missionárias que os monges indianos organizavam para pregar sua filosofia e seu estilo de vida, eles eram frequentemente saqueados e dominados por bandidos no caminho.

---

2 Datação referente a Antes de Cristo.

Mediante a essa situação, eles desenvolveram uma espécie de autodefesa que não se baseia em trocar golpes (chutes, socos, uso de instrumentos cortantes etc.) com o oponente, mas que se baseava em usar de alavancas, torções e estrangulamentos para dominar seu oponente.

Com o avanço das expedições dos monges budistas, o budismo e o jiu-jítsu foram se espalhando pela Índia e posteriormente alcançando outras nações até chegar ao Japão, onde a pratica do jiu-jitsu se disseminou na população japonesa facilmente.

Jigoro Kano, um praticante de jiu-jítsu reorganizou muito dos movimentos que o jiu-jitsu possuía com o objetivo de criar uma nova arte marcial que transmitisse o respeito, lealdade e outros valores de forma pedagógica que o jiu-jitsu tinha perdido com o passar do tempo no Japão.

> O *sensei* Kano era um adepto da "Restauração *Meiji*", portanto, um monarquista aberto aos proclamas do capitalismo Ocidental ou seria um defensor inconteste do *Bushidô,* o concreto e subjetivo obstáculo do desenvolvimento do capitalismo no Japão (...)? (CARVALHO, 2007, p. 63).

O *Bushidô* era o código de conduta ou de comportamento ou de ética não-escrito, um código no qual constava desde o conceito básico da tradução da palavra *samurai* (originariamente *saburai* que significa aquele que serve, sendo esses os cavaleiros que serviam aos senhores feudais japoneses protegendo suas terras e posses e servindo também nas guerras entre feudos), bem como as funções no interior do feudo que o contratara, por exemplo, sendo o coletor de imposto e cobrador de dívidas, não demonstrava medo ou covardia, carregava com hombridade a honra de seus ancestrais, além de se diferenciar de outros cavaleiros da época, notadamente por suas concepções de mundo, modo de ver e viver a vida (CARVALHO 2007, p.76-77).

Em 1882, uma nova arte marcial chamada judô (*Caminho Suave* ou *Caminho da Suavidade*) é criada por Kano, fundando então a primeira escola de Judô chamada KODOKAN (“KAN” Instituto, “DO” Caminho, “KO” Fraternidade).

Kano usou do artifício de enviar seus muitos alunos pelo mundo a fim de divulgar e disseminar o judô e suas filosofias pelos continentes com o intuito de fazê-lo conhecido por todo o mundo. Um dos alunos do Mestre Jigoro Kano, *Mitsuyo Maeda* veio ao Brasil, segundo a CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU-JITSU (CBJJ) (2013, p.1, história do jiu-jítsu) passando por diversas cidades da América latina até se instalar em Belém do Pará em 1915 onde realizava desafios contra praticante de outras artes marciais como o boxe, capoeira e outros que já presentes aqui no Brasil.

Como esse tipo de prática era totalmente contra os ensinamentos e a filosofia de seu mestre Jigoro Kano, Conde Maeda Koma (nome artístico que adotou) se apresentava como lutador de jiu-jitsu. No começo de sua trajetória em Belém, ele tornou-se amigo de *Gastão Grace*, empresário influente que, segundo a CBJJ se tornou um grande entusiasta da pratica do jiu-jitsu ajudou Maeda a estabelecer-se.

Para demonstrar sua gratidão, Maeda prontificou-se a ensinar o jiu-jitsu japonês tradicional a Carlos Grace, filho mais velho de Gastão. Carlos aprendeu algumas de suas técnicas e movimentos por um tempo, depois, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro quando começou a ensinar-lhes e desenvolver o jiu-jitsu para além dos ensinamentos de Maeda. No entanto, um de seus irmãos, Hélio Grace, foi o maior responsável pelo aprimoramento das técnicas e um refinamento de acordo com seu biótipo franzino e de baixa estatura, mesmo sendo o último a começar a praticar o jiu-jitsu por inúmeros problemas de saúde que enfrentou durante a infância e adolescência, sendo assim considerado o verdadeiro criador do estilo jiu-jitsu brasileiro. Hoje, devido à grande disseminação que esta pratica teve em nossa sociedade, podemos observar que inúmeras equipes nasceram depois da lendária Família Grace e sua também lendária academia de jiu-jitsu brasileiro (Grace Barra), fazendo do jiu-jitsu hoje uma arte marcial muito pratica no Brasil de referência mundial.

Encontramos muita dificuldade para tratar da filosofia do jiu-jítsu por conta da falta de produção acadêmica sobre esse fator importantíssimo para a elaboração de uma linha de pensamento pedagógico para o propor das intervenções e aplicação desse conteúdo em sua totalidade, porém cremos que podemos considerar que a filosofia do jiu-jitsu baseia-se no conhecimento de seu próprio corpo e suas necessidades e possibilidades, o entender o jiu-jitsu como uma prática pautada na ética, no conhecer a si mesmo, estimulando o pensamento de que qualquer situação pode ser revertida. Vamos nos apoiar na filosofia tratada por Jigoro Kano na construção do Judô.

Para Carvalho a filosofia é um “fator determinante na vida intelectual de qualquer professor de Judô” (CARVALHO, 2007, p. 61), e a política vinculada a filosofia é a ciência que cuida da *polis* (cidade) e do papel do homem enquanto indivíduo participante dessa *polis*, o que nos retrata ao já dito acima sobre o indivíduo e a sociedade em que está inserido. É segundo esses princípios e fundamentos filosóficos que pensamos a filosofia do jiu-jitsu enquanto pratica corporal e filosófica, implementarmos uma discussão sobre o que se pensa ou se sabe do jiu-jitsu dentro da escola,

A escola segundo Candido (1989) não é apenas um lugar onde se ocorre a “organização racional, derivada do poder público”, mas que se apodera de uma ideia muito mais ampla tratando não só das relações ordenadas como das que não possuem nenhum tipo de direcionamento, mas que também produz aprendizado não direcionado, produzindo também conhecimento.

Entendida (a escola) como o espaço de construção da cultura e do conhecimento formal e informal a partir das relações de interação social, espaço de contradições e inovações constantes cujo fim é a transmissão de conhecimentos produzidos culturalmente pela sociedade ao longo do tempo, intervindo na organização e na construção de indivíduos que na teoria, sejam defensores de seus direitos e cumpridores de suas obrigações enquanto cidadãos na sociedade em que estão inseridos levando em conta toda a construção de sociedade que se advém das facetas culturais, religiosas, políticas e pedagógicas que encontramos dentro desse espaço.

Entendemos como cabível ao Professor de Educação Física proporcionar e estimular seus alunos a uma vivência sistematizada da cultura dos movimentos e de suas possibilidades atuando como intermediador e condutor desse conhecimento.

O jiu-jitsu pode ser ensinado como vivência corporal, historicamente determinada e sob determinados conceitos filosóficos fazendo-se necessária no contexto escolar. Nesta perspectiva o professor não concentra seu olhar e nem sua atenção no treinar jiu-jitsu para fins competitivos, mas procura incorporar à prática a filosofia esposada pelo Mestre *Jigoro Kano* indispensáveis na formação de alunos conscientes do que é uma arte marcial. Se apropriando desses conhecimentos (prático e filosófico) o aluno aprende a fazer bom uso do jiu-jitsu como meio para o desenvolvimento de noções corporais, relação de respeito e, também como fator de desenvolvimento cognitivo e motor.

Cunha (1984) propõe uma discussão sobre a educação física como ato pedagógico de transmissão de conhecimento e educação através do movimentar-se, ocorrendo uma liberação das potencialidades latentes no indivíduo. Diante disto, podemos encarar o jiu-jitsu como conteúdo de vasto enriquecimento para potencializar a liberação das potencialidades corporais dos estudantes por intermédio de novas experiências motoras e cognitivas. Além do mais é fato que as lutas favorecem as relações interpessoais de respeito, como se portar dentro e fora do local das aulas (o *do-jô*) e na construção dos valores necessários a um novo processo civilizatório.

Ferreira (2006) aponta a possibilidade de inúmeros benefícios que a criança pode vir a ter como calçado no aprimoramento do equilíbrio, lateralidade, controle do tônus muscular, coordenação global e do aprimoramento da noção de tempo e espaço, bem como a noção das possibilidades e limites do próprio corpo.

Baseado nisso, penso que o jiu-jitsu tem uma importante contribuição ao desenvolvimento das noções corporais que são trabalhadas através dessa pratica, observando toda a noção do movimentar-se que ocorre no momento de

experimentação, a noção do movimentar-se do outro afim de um possível ataque gerando então uma necessidade de reação ou de prevenção/anulação desse ataque a ser efetuado; o uso da lateralidade visando o exercer as técnicas pelos dois lados do corpo (direita e esquerda) desfazendo um pouco da fragilidade de movimentos que se possa ter por conta do que vou chamar de uma “lateralidade preferencial” para os movimentos exercidos para a direita ou para a esquerda; a ação do equilíbrio e desequilíbrio no momento de queda além da possibilidade (e necessidade) de ser trabalhar as quedas e as formas de projeção ao solo e a forma certa de se receber essa projeção (como cair) afim de evitar lesões sérias e quedas que poderiam ser evitadas ou amenizadas com um conhecimento de um método menos lesivo de se projetar ao solo, entre outros benefícios motores e cognitivos.

Carreiro (2008) esboça algumas dificuldades na relação das lutas com a escola, apontando a falta de espaço, materiais, roupas adequadas e a assimilação das lutas com a violência, os principais fatores desse distanciamento. Isso é tido como real quando tratamos do jiu-jitsu, pois não são todas as escolas que possuem tatames (colchonetes adaptados), a grande maioria dos alunos não possui kimono (roupa apropriada para a prática do jiu-jitsu) e a visão da escola e do próprio professor de educação física que associem as lutas a outros “debates sociais” para além da violência.

Algumas das maiores dificuldades, segundo nossa ótica, para o momento de intervenção dessa pesquisa foram levantadas por Carreiro, sendo nosso grande desafio pensar em como enfrentar essas dificuldades.

O caráter que se dá as lutas, na maioria está ligado a vertente esportiva da sua pratica, tratando o fator técnico como essencial, ao passo que o filosófico, como comentado acima por Carvalho (2007) é relegado ao segundo plano ou, até mesmo, ignorado. Trabalhar com lutas em nosso caso o jiu-jitsu dentro da escola é utilizar-se da prática corporal para uma discussão mais fundamentada sobre determinado ponto de vista sobre fatores e/ou “debates sociais”, como a visão da sociedade referente a um praticante de jiu-jitsu, formação de gangues,

violência urbana dos grandes centros etc., além de fatores filosóficos, respeito, hombridade e outros (CARREIRO 2008).

Batista (2003) trata de como usar a progressão pedagógica para trabalhar movimentos específicos da prática corporal em questão para facilitar o entendimento e execução dos movimentos por parte dos alunos, afim de que o movimento seja construído categoricamente, cumprindo etapas, e no final do processo, seja realizado de forma correta. Dentro das intervenções a serem feitas junto com o corpo discente, queremos observar se o desenvolvimento das atividades e das discussões serão trabalhadas seguindo esse passo a passo até que o nível de execução dos movimentos propostos alcançassem um patamar satisfatório para eles como executores do movimento, de conseguirem olhar para o processo e entender que algo mudou na sua própria prática, de que ocorreu uma melhora motora na execução do movimento proposto e fazerem a comparação entre o primeiro momento de execução e o final do processo em que essa progressão foi aplicada.

Tratando da questão de o que propor ao aluno e de como propor um conteúdo que Lapierre & Aucouturier (1988) falam sobre o propor a atividade porém não impor a todo momento.

Tomando por Baptista (2003), discutimos também a relação entre professor e aluno dentro do *do-jô*, e pensando isso para dentro do ambiente escolar, podemos enxergar essa relação como uma construção de respeito não apenas a autoridade do professor para com o aluno e do conhecimento que o professor tem a transmitir para esse aluno, como um interessante ponto a ser discutido dentro da aula, não apenas no respeito ao professor que ministra a aula mas com os outros alunos, coordenadores, secretários, serventes e outros personagens que estão presentes dentro da escola, visando nesse processo uma contribuição para a formação do caráter e da sociabilidade do indivíduo baseado nas relações de respeito que o jiu-jitsu traz consigo para as aulas de educação Física escolar.

Com estes fundamentos que nortearam os estudos, pretender analisar o ensino e a pratica do jiu-jitsu dentro da escola é abrir o leque de conteúdos nas aulas

de educação física escolar possibilitando assim, propor aos alunos conhecimentos diferenciados sobre as possibilidades do corpo e como essa pratica pode colaborar com esse propósito.

PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS DA PRÁTICA DO JIU-JITSU NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As aulas que utilizo para essas reflexões foram ministradas em duas instituições de ensino, uma pública e outra privada no momento das disciplinas de Estágio Supervisionado II e III, contando claro, com o consentimento dos professores regentes da escola e das professoras ministrantes da disciplina pela universidade.

Mesmo havendo essa diferença entre as duas instituições, em relação as diferenças sócio econômicas e condições estruturais não eram tão distantes assim, levando em consideração que a escola pública em questão é uma escola tida como modelo dentro da região da Grande Vitoria, as duas escolas são bem estruturadas no tocante aos materiais para as aulas de educação física (possuíam uma quantidade considerável de materiais), como bolas específicas para vários esportes, cordas, colchonetes, bastões, redes de vôlei, tabelas de basquete entre outros, porém apenas a escola particular possuía uma área apropriada ao ensino do jiu-jitsu.

Começamos pela escola de ensino privado na disciplina de Estagio supervisionado II onde trabalhamos com uma turma do 6º ano. Passado o período inicial de observação da turma e do diagnostico básico da estrutura da escola, passamos a propor algumas atividades não vinculadas com o jiu-jitsu, como esportes coletivos, brincadeiras voltadas para a temática da cooperatividade entre outras, e iniciamos após três aulas com a temática do jiu-jitsu. A princípio alguns alunos ofereceram alguma resistência com a temática pelo medo de se machucarem ou machucar os colegas mas com uma

conversa expositiva sobre como se daria esse aprendizado baseando-se sempre no caráter lúdico e gradativo que daríamos as atividades, e determinando nossos objetivos apenas em entendermos o que é jiu-jitsu e quais os seus movimentos básicos.

A partir desse momento de conversa alguns alunos se interessaram em conhecer melhor essa temática, como éramos em dois ministrando o estágio, tivemos a possibilidade de dividir a turma e trabalhar dois conteúdos ao mesmo tempo enquanto o professor estagiário Felipe Coutinho trabalhava jogos cooperativos com uma parte da turma, a outra trabalhava o jiu-jitsu comigo.

Começamos a tratar do conteúdo jiu-jitsu contando uma breve história inicial de como essa prática foi criada e por que, baseados na hipótese de criação do jiu-jitsu segundo Borges (1999) pelos monges budistas tentando defender-se dos ataques dos saqueadores. Usando essa parte da história começamos a introduzir algumas posições e conceitos básico do jiu-jitsu como o uso das alavancas corporais para condução do colega de atividade e o uso das quedas e rolamentos.

Seguido a proposta pedagógico-didática de mesclar a história com a prática, abordamos de modo progressivo, mas resumidamente, a história do jiu-jitsu e seus movimentos e posições básicas: guarda, meia-guarda, montada, 100kg, posição nas costas, ataques como *armlock (juji-gatame)*, estrangulamento “mata leão” (*hadaka-jime*), *kata-gatame*, triangulo *(sankaku-jime*) e americana (*ude garami*), assim com suas respectivas defesas. Com o passar das aulas e das atividades propostas pelos professores, mais alunos se interessavam pela temática do jiu-jitsu e iam agregando-se ao grupo.

Essa sequência pedagógica utilizada para ministrar as aulas, segundo nossa ótica, facilitou bastante a compreensão por parte dos alunos por conta de tratarmos da junção da história e da pratica e organizarmos uma sequência pedagógica de onde partimos sempre do menos complexo para o mais complexo, do alto (das quedas) para baixo (os movimentos executados no solo) facilitando a visualização dessa sequência e posteriormente a análise por parte dos alunos de todo o processo.

É claro que não houve tempo de promover um refinamento desses movimentos por conta do tempo que dispúnhamos e por conta de incidentes como a greve de professores e alagamento da escola em dias de fortes chuvas em Vitoria e com o passar das aulas tínhamos que reintegrar a turma pois o término do estágio se aproximava e tínhamos que promover um encerramento do conteúdo com toda a turma. Mesmo assim, para se trabalhar basicamente essas facetas do jiu-jitsu, levaríamos muito mais tempo por conta da velocidade de aprendizado de cada aluno e das várias possibilidades de discussões que se abririam baseados nessa temática (fatores sociais, afetivos, cognitivos, motores, entre outros). Ao final das intervenções fizemos um dia de aula onde eles escolheram o que predominante no Brasil).

Não muito diferente disso, foram as intervenções no Estagio Supervisionado III, com uma turma de ensino médio (1º ano do ensino médio) da escola de ensino público, porém alguns percalços não nos permitiram ter o mesmo sucesso que no período de intervenção passado. Por ser uma turma já com alunos mais velhos, o interesse deles estavam voltados apenas sobre a prática do futebol dada sem nenhum tipo de direcionamento por parte dos professores, embora o professor regente estivesse trazendo sempre propostas novas e interessantes e os professores estagiários tenham insistido no prosseguimento com o conteúdo proposto. A relação dos planos de intervenção (planos de aula) seguia a mesma linha de raciocínio, usando da progressão e valorização do movimento e do movimentar-se nas aulas e partindo daí uma conversa sobre os fatores filosóficos, históricos que permeiam a pratica do jiu-jitsu. Os planos sofreram alterações mediante as orientações do professor regente e da professora ministrante da disciplina pela universidade.

Mesmo diante as dificuldade que alguns alunos impunham as atividades e discussões propostas pelos professores, conseguimos fazer as aulas acontecerem e levantarmos discussões muito interessantes sobre o jiu-jitsu e os frutos que ele vem colhendo pelo trato midiático que ele vem sofrendo por conta da popularização e massificação das lutas e em foco o MMA vem tendo nesses últimos tempos. Em um dos momentos de aula foi questionado por um aluno do por que se deveria adentrar no tatame reverenciando o próprio e aos

que já se estavam dentro dele iniciando pelo professor regente e passando por todos, dos menos graduados para os mais graduados, então abrimos a partir desse questionamento, uma discussão sobre a relação de respeito que essa prática corporal traz atrelada a sua história e algumas facetas vindas da cultura oriental (japoneses) e de como acontece o processo do hierarquia dentro do jiu-jitsu.

Outras questões como o efeito prático do jiu-jitsu dentro do contexto cotidiano e as possibilidades de uma melhora no “condicionamento físico” de seus praticantes foram, ao meu ver, questões bem significantes a serem tratadas no momento de uma aula de educação física, por que não se trata apenas de propor uma atividade física e/ou esportiva para os alunos e eles simplesmente executarem, mas o levantar de toda uma discussão sobre aquela pratica e de como ela influencia e/ou pode auxiliar na construção de valores, conhecimento teórico-prático e possibilidade de melhora na questão das valências físicas e outros.

Da mesma forma, não tratamos o jiu-jitsu nessa perspectiva, fizemos uma conversa de caráter superficial com os dois grupos de alunos sobre essa temática. Nosso foco foi em tratar de aspectos de caráter fisiológico, prático e corporal, relações interpessoais e a relação da filosofia respeito e harmonia em nossas intervenções.

Como acréscimo para a formação dos alunos, acreditamos que podemos considerar que:

> Independente da modalidade de luta, algumas características são comuns aos praticantes, como, por exemplo, o envolvimento da disciplina e o respeito pelo adversário. Na escola, principalmente, o professor deve estar atento a esses itens, inclusive incentivando os alunos a tomarem posturas de confraternização, respeito às diferenças e ao adversário, entre outros valores. (CARREIRO, p. 247, 2008).

Acreditamos que o questionamento feito ao início desse artigo foi respondido e o acréscimo proposto foi obtido, considerando que o objetivo de transmitir o conhecimento sobre alguns questionamentos e movimentos básicos sobre o que é o jiu-jitsu foi alcançado; considerando que esse conhecimento foi incorporado à educação na formação dos indivíduos através do movimento (CUNHA, 1984); considerando ainda a possível aproximação entre alunos promovendo o desenvolvimento de caráter cognitivo (percepção de lateralidade e possibilidades corporais) e afetivo-social levando em conta a questão do ter que tocar no outro (FERREIRA, 2006), e a relação de confiança necessária para o desenvolvimento de um movimento de estrangulamento e/ou uma chave de submissão.

Enfim, Dominique (1989) e Candido (1989) ponderam que a escola, espaço da aula de educação física no momento da intervenção assume o papel de espaço de contradição e pensamento racional para análise da prática de um conteúdo sistematizado no qual foram discutidos os conceitos e o achismo (teorização fundada no subjetivismo do “eu acho que”, normalmente aplicável a qualquer campo teórico e muito comum na educação física) que os alunos trazem consigo sobre o que é jiu-jitsu (violento, “esfregação nos outros” etc.) e do que ele realmente é, e como e o quanto pode acrescentar enquanto conteúdo recorrente das aulas de educação física.

O usamos da progressividade discutida por Baptista (2003) como facilitadora desse praticar e refletir sobre o movimento. Nos momentos de intervenção, procuramos incitar os alunos a pensar sobre o movimento que lhes eram propostos após pratica-los e gradativamente fazer um link com tudo sobre a história e filosofia que estava paralelamente sendo posto em discussão, sendo trabalhados aula a aula, ou seja, a consecutividade das aulas foi o que deu corpo a uma sequência de movimentos sendo que cada parte dessa foi trabalhada por uma aula inteira, utilizando de jogos educativos, sequencias básicas e repetições afim de que o *movimento alvo* de cada aula fosse alcançado por meio dessas atividades educativas do movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carreiro (2008) traz uma interessante reflexão sobre a temática “porrada” dentro do conteúdo lutas que é importante ser ressaltada dentro da educação física escolar, que liga a ideia da luta organizada como pratica corporal, pensada tecnicamente e não apenas o “soco pelo soco” ou no nosso caso o “estrangulamento pelo estrangulamento”, são técnicos e não a violência gratuita, e cabe ao professor intervir como mediador na construção do conhecimento e direcionamento da turma no tocante a leva-los a pensar segundo a linha de raciocínio estabelecida pelo professor como objeto de discussão.

Se é que podemos, gostaríamos de fazer um antigo apontamento no campo da educação física escolar, mas que é uma possibilidade gritante de desenvolvimento tanto para os alunos quanto para os professores de educação física, o uso de esportes e práticas corporais diferenciadas como as lutas no contexto escolar. Já vemos isso acontecer, mas infelizmente em casos muito isolados e por diversos motivos que vão desde a falta de interesse e desconhecimento por parte dos professores em se trabalhar um conteúdo tão rico e de crescimento bastante considerável da bagagem cultural, cognitiva e da própria cultura (que é necessariamente movimento).

REFERÊNCIAS

BAFFI, M. A. T. Modalidades de Pesquisa: Um Estudo Introdutório. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met02a.htm>. Acesso em: 21 de agosto, 2013.

BAPTISTA, Carlos Fernando dos Santos. Judô: da escola a competição. - 3° ed. Rio de Janeiro, 2003.

BORGES, Odair A. Jiu-jitsu: educação ou adestramento?. Revista TREINAMENTO DESPORTIVO – volume 4 – Artigo do treinador. - São Paulo, 1999.

CANDIDO, Antonio. A estrutura da escola. Educação e sociedade: Leitura sociológica da educação. Editora Nacional. - São paulo, 1956.

CAPARROZ, F.E. Entre a educação física na escola e a educação física da escola. - Z Editora. SP: Autores associados, 2005.

CARREIRO, Eduardo Augusto. Educação Física na escola: implicações para pratica pedagógica. / Coordenação de Soraya Cristina Darido e Irene Conceição Andrade Rangel. - Editora Guanabara Koogan. - Rio de Janeiro , 2008.

CARVALHO, Francisco Mauri de. Judô: Ética e educação: em busca dos princípios perdidos. - Editora da Universidade Federal do Espírito Santo – Vitoria, 2007.

CONFEDERAÇÂO BRASILEIRA DE JIU-JIUJITSU. Disponível em: http://www.cbjj.com.br/hjj.htm. Acesso em 21 de agosto, 2013

DEMO, Pedro. Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. - Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1994.

FERREIRA, Heraldo Simões. AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**.** REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - Nº 135 – NOVEMBRO2006.

GIL, Antonio Carlos. COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA / Antonio Carlos Gil. – 4. Ed. – 10. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2007.

GUSTAVO, Henrique Fernandes. LUTAS NO CONTEXTO ESCOLAR. Universidade Federal de Londrina. - Londrina, 2010.

JULIA, Dominique. Cultura escolar como Objeto histórico, revista brasileira de História da educação, nº1. - Editora Autores Associados. Campinas – SP, 2001, pg. 9-13.

LAGE, Victor – NEFEF – SPQMH – PPGE/UFSCar – bolsista CAPES, GONÇALVES JUNIOR, Luiz – NEFEF – SPQMH – DEFMH e PPGE/UFSCar NAGAMINE, Kazuo Kawano – DESC/FAMERP. VIVÊNCIAS EM LUTAS: UMA APROXIMAÇÃO COM A PEDAGOGIA DIALÓGICA.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. - Metodologia científica. 2°edição - Editora Atlas. - S.A. 1992.

LANÇANOVA, Jader Emilio da Silveira. LUTAS NA EDUCAÇÃO FISICA ESCOLAR: ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS. 2006. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade da Região da Campanha. - Alegrete, 2006.

LAPIERRE & AUCOUTURIER. Simbologia do movimento: psicomotricidade e educação. - Editora Artes Médicas - 2º Edição. - Porto Alegre, 1988.

MAIA, Nelly Aleotti. Cultura e contracultura globalização. - Revista Dacultura - Ano VI, nº11. Acesso em: 21 de Agosto, 2013.

SANTOS, Antonio Raimundo. Metodologia científica: a construção do conhecimento. - DP&ARio de Janeiro, 1999.

VECCHIO, F. B. ; FRANCHINI, E.. Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo de educação física. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/eef/lattes/franchini/PB-0.html. Acesso em: 22 de agosto, 2013.